

SÉRIE V . VOLUME 8/9

# O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA  
IMPRESA NACIONAL

LISBOA, 2018-2019

# O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



Revista fundada em 1895 por José Leite de Vasconcelos

SÉRIE V . VOLUME 8/9

# O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



Inclui as Atas do 3.º Encontro Nacional de Museus  
com Coleções de Arqueologia



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA  
IMPRESA NACIONAL

LISBOA, 2018-2019

**DIRETOR**

António Carvalho

**COORDENAÇÃO**

Lívia Cristina Coito

**CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Doutor Armando Coelho F. da Silva – Universidade do Porto

Prof. Doutor João Luís Cardoso – Universidade Aberta

Prof. Doutor José d'Encarnação – Universidade de Coimbra

Dr. Luís Raposo – Museu Nacional de Arqueologia

Prof. Doutor Nuno Bicho – Universidade do Algarve

Prof.ª Doutora Rosa Varela Gomes – Universidade Nova de Lisboa

Prof. Doutor Victor S. Gonçalves – Universidade de Lisboa

**DESIGN GRÁFICO**

Artlandia

**PAGINAÇÃO**

Undo

**PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**TIRAGEM**

1000 exemplares

Impresso em dezembro de 2023

Periodicidade anual

ISSN 0870-094X

Depósito legal n.º 3161/83

Solicita-se permuta – On prie l'échange – Exchange wanted – Tauschverkehr erwünscht – Sollicitiamo scambio

As opiniões expressas em texto e imagens são da exclusiva responsabilidade dos seus respetivos autores, salvo quando devidamente assinalado.

© Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização dos autores ou dos detentores dos direitos legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de março, com as alterações subsequentes.



Museu Nacional de Arqueologia  
Praça do Império  
1400-206 Lisboa  
Portugal  
Tel.: 213 620 000 Fax: 213 620 016  
E-mail: [diretor@mnaarqueologia.dgpc.pt](mailto:diretor@mnaarqueologia.dgpc.pt)  
[www.museuarqueologia.pt](http://www.museuarqueologia.pt)

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
Portugal  
Tel.: 217 810 700  
E-mail: [editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)  
[www.incml.pt](http://www.incml.pt)

# Sumário

- 9 Da materialidade à leitura social de um tipo particular de suporte da epigrafia funerária romana do planalto mirandês (Miranda do Douro, Bragança, Portugal)  
From materiality to the social analysis of a particular type of Roman funerary epigraphic monument on the Miranda plateau (Miranda do Douro, Bragança, Portugal)  
ARMANDO REDENTOR
- 35 Fragmento de estela islâmica do Monte de São Luís e de duas outras do Castro da Cola (Ourique, Beja, Baixo Alentejo)  
Fragment of an islamic stela from Monte de São Luís and of two others from Castro da Cola (Ourique, Beja, Baixo Alentejo)  
CARMEN BARCELÓ, MÁRIO VARELA GOMES, JOSÉ MALVEIRO
- 51 Luís Chaves, um arqueólogo (sobretudo) das tradições. A *villa* romana de Santa Vitória do Ameixial revisitada à luz do epistolário de José Leite de Vasconcelos (1915-1916)  
Luís Chaves, an archaeologist (mainly) of traditions. The Roman villa of Santa Vitória do Ameixial, revisited through José Leite de Vasconcelos epistolography (1915-1916)  
ANTÓNIO AMARO ROSA
- 103 Ocupação da Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras) durante a Idade do Ferro  
Iron Age occupation in Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)  
ELISA DE SOUSA, JOÃO PIMENTA, ÍRIS DIAS, ANA CATARINA SOUSA
- 3.º ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS COM COLEÇÕES DE ARQUEOLOGIA
- 148 Programa
- 150 Lista de participantes
- 151 A Casa de Bragança e a arqueologia: Personagens e coleções  
The House of Braganza and archaeology: Persona and collections  
MARIA DE JESUS MONGE

- 167 O Museu Arqueológico do Carmo e a coleção de arqueologia de Vila Nova de São Pedro: Inventário, gestão, conservação e conhecimento  
The Carmo Archaeological Museum (Lisbon, Portugal) and the archaeological collection of Vila Nova de São Pedro: Artifact inventory, collection management, conservation, and scientific knowledge  
CÉSAR NEVES, CÉLIA NUNES PEREIRA, JOSÉ MORAIS ARNAUD, MARIANA DINIZ, ANDREA MARTINS
- 191 Os museus de arqueologia e a arqueologia nos museus: Análise de exposições no norte de Portugal  
Museums of Archaeology and Archaeology in Museums: Exhibition analysis in the North of Portugal  
LEILANE PATRICIA DE LIMA, ALICE SEMEDO
- 223 Museu Interativo de Mora: O Megalitismo MORA aqui...  
Mora Interactive Museum: The Megalithism lives here...  
LEONOR ROCHA, DANIELA ANSELMO, MAFALDA LOPES
- 239 O Museu de Lisboa – Teatro Romano e o projeto de investigação «Saudades da Rua da Saudade»  
The Museum of Lisbon – Roman Theatre and the research project «Saudades da Rua da Saudade»  
LÍDIA FERNANDES, CAROLINA GRILO, DANIELA ARAÚJO, MARIA MIGUEL LUCAS, ANA COSME
- 269 Da leitura do território ao envolvimento comunitário. Experiências e expectativas do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa  
From reading the territory to community involvement. Experiences and expectations of the Municipal Museum of Archeology of Serpa  
MIGUEL SERRA
- 291 Luís de Castro do Rio: Um rosto com história  
Luís de Castro do Rio: A face with history  
ANA RAQUEL SILVA, FILIPE FRANCO, LUÍS FILIPE LOPES, NATHALIE ANTUNES-FERREIRA  
MIGUEL SERRA
- 303 Normas de redação

# Da materialidade à leitura social de um tipo particular de suporte da epigrafia funerária romana do planalto mirandês (Miranda do Douro, Bragança, Portugal)

From materiality to the social analysis of a particular type of Roman funerary epigraphic monument on the Miranda plateau (Miranda do Douro, Bragança, Portugal)

ARMANDO REDENTOR\*

## RESUMO

É apresentado um conjunto de epígrafes funerárias com identidade morfotipológica que se encontra territorialmente circunscrito ao planalto mirandês (NE de Portugal). Na sequência do reconhecimento autóptico, é realizado o seu estudo analítico em termos morfológicos, metrológicos e epigráficos.

Designadas genericamente por cipos na bibliografia, constituem a parte central de suportes não monolíticos, com paralelo noutras latitudes hispânicas, definindo localmente um horizonte epigráfico muito concreto.

Em complemento à apresentação dos suportes, são analisados os epitáfios, mormente do ponto de vista onomástico, visando-se uma aproximação de natureza jurídica aos utilizadores deste tipo de epígrafes, descortinando-lhes uma pertença social. Apura-se a sua vinculação a uma fração populacional privilegiada, maioritariamente de estatuto quiritário, com evidente poder económico e hegemonia política na organização territorial antiga.

Palavras-chave: Suportes não monolíticos – Epitáfios – Sociedade – Elites – Meio rural

---

\* Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes. Palácio de Sub-Ripas, 3000-395 Coimbra (Portugal).  
E-mail: aredentor@uc.pt.

## ABSTRACT

A set of funerary epigraphs with morphotypological identity, territorially circumscribed to the plateau of Miranda (NE of Portugal), is presented. Following an auto-optic recognition, it is performed an analytical study in morphological, metrological and epigraphic terms.

Usually assigned as *cippi* in the bibliography, they represent the central element of non-monolithic supports, with parallels in other Hispanic latitudes, but defining locally a particular epigraphic horizon.

In addition to the presentation of the supports, the epitaphs are analyzed, mainly from the point of view of the onomastics, aiming at a legal and social approach to the users of this type of inscriptions. Their linkage to a privileged fraction of the population, mainly Roman citizens, with obvious economic power and political hegemony in the ancient territorial organization, is verified.

Keywords: Non-monolithic supports – Epitaphs – Society – Elites – Rural environment

## 1. NOTA INTRODUTÓRIA

A existência de um conjunto de suportes epigráficos de um tipo característico e de natureza funerária disseminados por algumas localidades do planalto mirandês (Miranda do Douro, NE de Portugal) motiva a análise que se apresenta. Apesar de algumas das peças em questão terem entrado no domínio dos estudos epigráficos desde finais do século XIX, fruto do olhar atento de José Leite de Vasconcelos, insigne etnólogo e arqueólogo, proponente do Museu Ethnographico Portuguez (atual Museu Nacional de Arqueologia) e seu primeiro diretor, que, durante excursão científica por terras transmontanas, em setembro de 1883, identifica algumas delas na povoação de Duas Igrejas, esse conjunto de inscrições não foi, até hoje, suficientemente valorizado – mais concretamente, do ponto de vista do estudo morfotipológico dos suportes e da leitura social que os epitáfios permitem esboçar.

Vasconcelos fez a publicação das suas observações referentes a essas epígrafes na *Revista Lusitana* (1887)<sup>1</sup>, apelidando-as aí de granitos retangulares. Hodiernamente vêm sendo catalogadas com a designação de cipos, que, apesar de não ser imprópria, atendendo às características morfológicas dos suportes conservados, é, todavia, pouco específica, sabendo-se que, na terminologia antiga, o termo *cippus* designa de modo geral o suporte funerário e pode inclusive ser sinónimo de *lapis* (Encarnação, 1979, p. 7; Bonneville, 1984, p. 128; Di Stefano Manzella, 1987, p. 89).

---

<sup>1</sup> Correspondem ao n.º 1-4 do apêndice epigráfico deste artigo.



1



2



3



4

Fig. 4 – Epígrafes de Picote (n.º 9-10) e Malhadas (n.º 11-12): 1. Epitáfio de *Ammia Calvina Calvi* [f.]; 2. Epitáfio do pai de *Iulianus* e de *Mustarus*, da *gens Iulia*; 3. Epitáfio de *Cornelia Prisca*; 4. Suporte sem inscrição visível. Fotografias do autor.

vislumbra nestes últimos – presumindo a sua relação com os primeiros – saliência ou rebaixamento.

Contrariamente à generalidade dos monólitos relativos a bases ou pedestais tripartidos correntes em *Tarraco* e *Barcino*, os suportes em análise não ostentam inscrições honoríficas (Bonneville, 1984, p. 135)<sup>5</sup>, mas sim de natureza funerária<sup>6</sup>. Por este facto, não se enjeita que possam ter correspondido a altares de

<sup>5</sup> Em *Tarraco*, contrariamente a *Barcino*, alguns destes monumentos ostentam inscrições funerárias, parecendo tratar-se de uso local minoritário e de cronologia tardia, posterior aos meados do século II.

<sup>6</sup> Embora a utilização do dativo lhes confira uma conotação de honorificência, como expressaram Encarnação e Salgado (2008, p. 77) a propósito do cipo epigrafado de Duas Igrejas de conhecimento mais recente (n.º 5).



Fig. 5 – Elementos volantes de Picote: 1. Base (Capela de Santo Cristo); 2. Cornija (Capela de Santo Cristo); 3. Cornija (Capela de Santo Cristo); 4. Cornija (Largo do Toural). Fotografias do autor.

constituição quadripartida, sendo, assim, complementados por bases, cornijas e cimácios volantes.

Um dos exemplares de Duas Igrejas (n.º 4) aparenta exibir uma variação morfológica ditada pelo rebaixamento da parte mediana do topo, fazendo como que estilização de cimácio de altar, a qual poderia reforçar que corresponderiam a altares não monolíticos, mas é aspeto a desvalorizar, pois trata-se de um volume com o topo e a base paralelos, que se encontra retalhado em virtude de reutilização como sustentáculo de uma trave que, decerto, encaixava nessa reentrância aberta entre a face anterior e a posterior.

Não obstante, os cipos prismáticos de âmbito funerário conhecidos em pontos distintos do Ocidente lusitano, como bem exemplificam os do *ager Olisiponensis*, mas também os de *Conimbriga* ou os de *Aeminium*<sup>7</sup>, podem ser a este propósito ilustrativos do tipo de suporte para que remeterão as peças mirandesas.

<sup>7</sup> Sobre a relação entre os setores lusitanos em causa relativamente ao tipo de monumentos referidos, veja-se Gamer (1989, p. 56, dando enfoque aos n.º BEL 1, BEL 3 e ES 16 do seu catálogo). Campos (2012, p. 465-466, fig. 15) alude aos suportes em causa exatamente como cipos prismáticos, apesar de referir tratar-se de monumentos compostos por quatro diferentes elementos: base, fuste, imposta e capeamento, filiando-os numa tipologia que indica «em forma de ara». Veja-se também:

Aproveitamos, ainda, o ensejo para, em virtude da sua morfologia, trazer à colação um pequeno paralelepípedo vertical procedente do povoado fortificado de São João das Arribas, em Aldeia Nova, também granítico, mas de dimensões mais reduzidas (Alves, 1938, p. 760-761). A rondar a metade da largura e da espessura dos cipos em análise, a sua altura é bem mais diminuta, pelo que, em face dessas medidas ([36] × 27 × 23), é provável que não se esteja perante uma série de tamanho mais contido e, naturalmente, mais económico, mas de singelo bloco arquitetónico epigrafado<sup>8</sup>.

### 3. UMA LEITURA SOCIAL

Os epitáfios gravados distinguem-se pela simplicidade e brevidade. É notória a ausência da consagração aos deuses Manes em todas as inscrições, bem como de fórmulas de clausura, aspetos que parecem característicos destes suportes<sup>9</sup>. Apenas um dos textos ultrapassa a exiguidade da identificação do(s) defunto(s) – para a qual se emprega o dativo –, quase sempre acompanhada da idade de falecimento<sup>10</sup>, mas que maioritariamente é ampliada pela menção dos dedicantes<sup>11</sup>, amiúde completada pela expressão da relação com o(s) indivíduo(s) memorado(s). No caso desse texto (n.º 9), a referência à relação familiar assume-se como singela declaração: *tib(i) u(xori) s(anctissimae)*. Estes aspetos, em geral, associados à onomástica e à paleografia apontam uma cronologia para as epígrafes centrada na segunda centúria e dificilmente prévia aos finais do século precedente (cf. apêndice epigráfico).

Ribeiro (2002, p. 544-545, n.º 282) e Fernandes (2003, p. 28-29). Relativamente aos paralelepípedos verticais de natureza funerária, com decoração, de *Conimbriga* e *Aeminium*, ver Étienne et al. (1976) e Redentor (2016), respetivamente.

<sup>8</sup> A matéria granítica deste suporte é, inclusive, distinta da utilizada nos cipos referidos. Apareceu, em junho de 1936, a cerca de 50 m da Capela de São João das Arribas, em Aldeia Nova, encontrando-se depositado no Museu do Abade de Baçal, em Bragança. Tem a seguinte inscrição, que ocupa totalmente a face anterior: [A]mm[il]o · Valerilo · 'an'(norum) LXX / Ammale · Vale[ri] filiae? 'an'(norum) XV?. O editor da inscrição indica que na última linha constaria o numeral XV, correspondente à idade, o que não é possível confirmar na atualidade. A paleografia aponta para a primeira metade do século III, datação que a onomástica não contraria. Com localização exterior ao planalto mirandês, já a ocidente do Rio Sabor, há a registar um suporte com morfologia e dimensões – [147] × 44 (42 = topo) × 32,5 – idênticas às dos que analisamos, com a espessura pouco superior a dois terços da largura, mas elaborado em mármore, cuja relação com outras produções marmóreas, nomeadamente da área de Saldanha, deve ser preferentemente considerada. Datável entre os finais do século II e os inícios do III, foi identificado na Capela do Senhor da Fraga de Castro Vicente (Mogadouro), em reaproveitamento, onde ainda permanece (Afonso e Morais, 1984, p. 679-688; Sánchez-Palencia et al., 2014, p. 82-83). O seu texto é o seguinte: *D(is) M(anibus) / Val(eria) · Rufin[a] / Carisio / Capit[o]ni m(arito) / 'an'(norum) · XXXV // D(is) M(anibus) / Val(eria) · Rufina / Cerenio / Rufino pa[t]r(i) / pi(entissimo) · 'an'(norum) · L · / s(it) · vo(bis) · t(erra) l(evis)*.

<sup>9</sup> Sobre a presença da dedicatória aos Manes na epigrafia funerária da região, veja-se Navarro Caballero (1998, p. 190), que aponta para a sua introdução por volta dos meados do século II, pelo menos ao nível das estelas de *tipo Picote*. Há óbvia vantagem em conferir as observações tipológico-cronológicas relativas a estes suportes esteleformes consubstanciadas nesse ensaio pela coincidência geográfica com a área de distribuição das peças em análise. Sobre a datação epigráfica no contexto do Noroeste pode consultar-se síntese em Redentor (2017).

<sup>10</sup> A exceção está apenas em dois dos epitáfios (n.º 1 e 8) que conhecemos completos.

<sup>11</sup> Também são dois os casos em que não surgem referenciados os dedicantes: num, o epitáfio resume-se ao nome do defunto (n.º 1); noutro, a identificação vai acompanhada da idade de falecimento (n.º 7).

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones; [Madrid]: Universidad Complutense. (Anejos de Antiquedad y Cristianismo; 2).
- ADAM, J.-P. (1984) – *La construction romaine: matériaux et techniques*. Paris: Picard. (Grands manuels Picard).
- AFONSO, B.; MORAIS, J. M. (1984) – Património arqueológico na Aldeia de Castro Vicente: Pré-história e Romanização, estelas funerárias. *Brigantia*. Bragança. 4:4, p. 679-688.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1976) – La antropomínia prerromana de la Península Ibérica. In *Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, 1, Salamanca, 1974. Actas. Salamanca: Universidad, p. 57-86.
- ALONSO ÁVILA, Á.; CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, S. (2000) – *Corpus de inscripciones romanas de la provincia de Zamora: fuentes epigráficas para la historia social de Hispania romana*. Valladolid: autores. [= CIRPZa].
- ALVES, F. M. (1913) – Epigrafia bragançana. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1, 18, p. 1-2.
- ALVES, F. M. (1934) – *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Porto: Tip. da Empresa Guedes. vol. IX: Arqueologia, etnografia e arte.
- ALVES, F. M. (1938) – *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Porto: Tip. da Empresa Guedes. vol. X: Arqueologia, etnografia e arte.
- ANDREU PINTADO, J. (2004) – *Edictum, Municipium y Lex: Hispania en época Flavia (69-96 d. C.)*. Oxford: Archaeopress. (BAR International Series; 1293).
- ANNÉE ÉPIGRAPHIQUE, L' [= AE]. Paris: CNRS; Université de Paris I.
- BONNEVILLE, J.-N. (1984) – Le support monumental des inscriptions: terminologie et analyse. In *Épigraphie hispanique: problèmes de méthode et d'édition. Table Ronde Internationale du C. N. R. S., Bordeaux, 1981*. Actes. Paris: De Boccard, p. 117-152. (Publications du Centre Pierre Paris; 10. Collection de la Maison des pays ibériques; 15).
- CAGNAT, R. (1914) – *Cours d'épigraphie latine*. Paris: Fontemoing et Cie.
- CAMPOS, R. (2012) – *As cupae de Olisipo e do ager Olisiponensis*. In ANDREU PINTADO, J., ed. lit. – *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*. Tudela: UNED; Fundación Uncastillo, p. 449-474. (Serie Monografias Los Bañales; 1).
- CHASTAGNOL, A. (1990) – L'Onomastique de type pérégrin dans les cités de la Gaule Narbonnaise. *Mélanges de l'École Française de Rome*. Roma. 102:2, p. 573-593.
- CHASTAGNOL, A. (1995a) – Considérations sur les gentilices des pérégrins naturalisés romains dans les Gaules et les provinces des Alpes. *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*. Paris. 1993. p. 167-183.
- CHASTAGNOL, A. (1995b) – Les changements de gentilece dans les familles romanisées en milieu de tradition celtique. In *La Gaule romaine et le droit latin: recherches sur l'histoire administrative et sur la romanisation des habitants*. Lyon; Paris: Université; De Boccard, p. 167-180. (Scripta varia; 3. Collection du Centre d'Études Romaines et Gallo-Romaines; 14).
- CRESPO ORTIZ DE ZARATE, S. (1994) – Doble cognomen en -anus/-ianus como forma de filiación en el régimen esclavista. In SÁEZ, P.; ORDÓÑEZ, S., ed. lit. – *Homenaje al Professor Presedo*. Sevilla: Universidad. p. 365-374.
- DI STEFANO MANZELLA, I. (1987) – *Mestiere di epigrafista: guida alla schedatura del materiale epigrafico lapideo*. Roma: Edizioni Quasar. (Vetera; 1).
- DONDIN-PAYRE, M.; RAEPSAET-CHARLIER, M.-TH. (2001) – L'Onomastique dans l'Empire romain: questions, méthodes, enjeux. In DONDIN-PAYRE, M.; RAEPSAET-CHARLIER, M.-Th., éd. lit. – *Noms, identités culturelles et romanisation sous le Haut-Empire*. Bruxelles: Le Livre Timperman. p. I-VIII.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1979) – *Introdução ao estudo da Epigrafia latina*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (Cadernos de Arqueologia e Arte; 1).

- ENCARNAÇÃO, J. d'; SALGADO, M. (2008) – Inscrição funerária romana de Duas Igrejas. *Tierra de Miranda*. Miranda do Douro. 3, p. 77-79.
- ÉTIENNE, R.; FABRE, G.; LÉVÊQUE, P. e M. (1976) – *Fouilles de Conímbriga*. Paris: De Boccard. Vol. II: Épigraphie et sculpture.
- FERNANDES, L. S. (2003) – Incrições romanas do termo de Loures. *Máthesis*. Viseu. 12, p. 27-55.
- GAMER, G. (1989) – *Formen römischer Altäre auf der Hispanischen Halbinsel*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern. (Madrider Beiträge; 12).
- GARCÍA MARTÍNEZ, S. M. (1996) – *La romanización de los Conuentus Asturum, Bracaraugustanus y Lucensis: su estudio epigráfico* [CD-ROM: *Tesis doctorales 1996, Universidad de León*]. León: Universidad.
- HALEY, E. W. (1991) – *Migration and Economy in the Roman Imperial Spain*. Barcelona: Universitat. (Aurea Saecula; 5).
- HISPANIA EPIGRAPHICA [= Hep]. Madrid: Archivo Epigráfico de Hispania, Universidad Complutense.
- HÜBNER, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berolini: apud Georgium Reimerum. II: Inscriptiones Hispaniae Latinae. [= CIL II].
- HÜBNER, E. (1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berolini: apud Georgium Reimerum. II: Inscriptiones Hispaniae Latinae. Supplementum. [= CIL II].
- HÜBNER, E. (1903) – *Additamenta nova ad corporis*. volumen II. Berolini. 9, p. 12-185. *Ephemeris Epigraphica*. [= EE IX].
- KAJANTO, I. (1965) – *The Latin Cognomina*. Helsinki: Helsingfors. (Commentationes Humanarum Litterarum. Societas Scientiarum Fennica; 36, 2).
- KAJANTO, I. (1977) – The emergence of the late single name system. In *L'Onomastique latine: Colloques Internationaux du C. N. R. S. n.º 564*, Paris, 1975. Paris: Centre National de Recherche Scientifique, p. 419-430.
- KREMER, D. (2006) – *Ius Latinum: le concept de droit latin sous la République et l'Empire*. Paris: De Boccard. (Romanité et Modernité du Droit).
- LE ROUX, P. (1995) – *Romains d'Espagne: cités et politique dans les provinces, IIe siècle av. J.-C. – IIIe siècle ap. J.-C.* Paris: Armand Colin.
- LE ROUX, P. (2010) – *La péninsule ibérique aux époques romaines (fin du IIIe s. av. n. è. – début du VIe s. de n. è.)*. Paris: Armand Colin. (Collection U Histoire).
- LEMOS, F. S. (1993) – *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga. Tese de doutoramento policopiada, Universidade do Minho.
- MOURINHO, A. M. (1986) – Epigrafia latina de entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal – 1947. *Brigantia*. Bragança. 6:1-3, p. 3-36.
- MOURINHO, A. M. (1987) – Epigrafia latina de entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal – 1947 (continuação). *Brigantia*. Bragança. 7:1-2, p. 101-130.
- NAVARRO CABALLERO, M. (1998) – Las estelas en brecha de Santo Adrião: observaciones tipológico-cronológicas. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 64, p. 175-206.
- REDENTOR, A. (2002) – *Epigrafia romana da região de Bragança*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 24).
- REDENTOR, A. (2003) – Representações zoomórficas na epigrafia funerária transmontano-zamorana ocidental da época romana. In *Congresso Internacional de Arqueologia Iconográfica e Simbólica: livro de actas*. [Condeixa-a-Velha]: Liga de Amigos de Conímbriga. p. 163-199.
- REDENTOR, A. (2016) – Sobre a epigrafia romana de *Aeminium*. *Conímbriga*. Coimbra. 55, p. 53-85.
- REDENTOR, A. (2017) – *A cultura epigráfica no conventus Bracaraugustanus: percursos pela sociedade brácara da época romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. (Série Investigação).
- RIBEIRO, J. C. (2002) – Cipo prismático, de *Galla*. In RIBEIRO, J. C., ed. lit. – *Religiões da Lusitânia: Loquuntur saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 543-544, n.º 282. Catálogo.
- SÁNCHEZ-PALENCIA RAMOS, F.-J.; BELTRÁN ORTEGA, A.; ROMERO PERONA, D.; PECHAR

- ROMAN FUENTE, J. L.; SASTRE PRATS, I. (2014) – *Concelho de Mogadouro: investigación y valoración de las zonas mineras y civitates del noreste de Portugal. Informes y trabajos (Excavaciones en el exterior 2012)*. Madrid. 11, p. 73-90.
- SASTRE PRATS, I. (2002) – *Onomástica y relaciones políticas en la epigrafía del conventus Asturum durante el Alto Imperio*. Madrid: CSIC, Instituto de Historia, Departamento de Historia Antigua y Arqueología. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 25).
- SOLIN, H.; SALOMIES, O. (1988) – *Repertorium nominum gentilicium et cognominum Latinorum*. Hildesheim [etc.]: Olms. (Alpha-Omega: Lexika, Indizes, Konkordanzen zur klassischen Philologie, Reihe A; 80).
- SUSINI, G. (1968) – *Il lapicida romano: introduzione all'epigrafia latina*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- TRANOY, A. (1981) – *La Galice romaine: recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris: De Boccard. (Publications du Centre Pierre Paris; 7. Collection de la Maison des pays ibériques; 7).
- VALLEJO RUIZ, J. M. (2005) – *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Servicio editorial, Universidad del País Vasco. (Anejos de *Veleia*. Series minor; 23).
- VASCONCELOS, J. L. (1887) – *Miscellanea V: inscripções luso-romanas*. *Revista Lusitana*. Lisboa. 1, p. 67-68.

# Fragmento de estela islâmica do Monte de São Luís e de duas outras do Castro da Cola (Ourique, Beja, Baixo Alentejo)

Fragment of an islamic stela from Monte de São Luís and of two others from Castro da Cola (Ourique, Beja, Baixo Alentejo)

CARMEN BARCELÓ\*, MÁRIO VARELA GOMES\*\*, JOSÉ MALVEIRO\*\*\*

## RESUMO

Estudam-se três epígrafes funerárias. Uma delas foi encontrada reutilizada no Monte de São Luís (Ourique, Beja), enquanto outra surgiu durante as escavações arqueológicas que Abel Viana (1958; 1959) efetuou no denominado Castro da Cola e a terceira foi já anteriormente dada a conhecer por Nykl (1941; 1946). Trata-se de estelas islâmicas, com função funerária e com textos incisos em letra cúfica simples, possivelmente procedentes do cemitério do Castro da Cola. A primeira das estelas referidas assinalava a sepultura de Mūsà (ou ʿĪsà) b. Aḥmad, falecido no século XI da nossa era. As outras duas, uma delas muito fragmentada, não conservam o nome do defunto. As três inscrições podem ser datadas dos últimos anos do século XI, quando o Baixo Alentejo foi governado pelos abádidas de Sevilha.

Muitos investigadores que se dedicam ao estudo da presença islâmica medieval no Ocidente consideram o Castro da Cola (Ourique, Beja) um sítio arqueológico com muitas incógnitas por resolver.

Palavras-chave: Arqueologia islâmica – Epigrafia árabe – Inscrições funerárias – Ourique – Taifas

---

\* Docente do Departamento de Filologia Catalana da Faculdade de Filologia, na Universidade de Valência (Av. de Blasco Ibáñez 32, 46010 Valencia, Espanha. *E-mail*: carme.barcelo@uv.es).

\*\* Professor jubilado da Universidade Nova de Lisboa (Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, Portugal, *E-mail*: mv.gomes@fcsh.unl.pt). Membro da Academia Portuguesa da História, da Academia Nacional de Belas-Artes e do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.

\*\*\* Mestre em Arqueologia. Membro do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa. *E-mail*: jdbmalveiro@gmail.com.

## ABSTRACT

This paper studies three funerary epigraphs, one recently found reused in Monte de São Luís (Ourique, Beja). Another, from Castro da Cola, was previously published by Nykl (1941; 1946), and a third one, from the same site, appeared during the archaeological excavations led by Abel Viana (1958; 1959).

They are Islamic gravestones, with their inscriptions engraved in simple kufic letters, possibly found in the cemetery of the Castro da Cola. One of the stelae marked the grave of a certain Mūsā (or ʿĪsā) b. Aḥmad, deceased in the 11<sup>th</sup> century. The other two don't retain the name of the deceased. The three inscriptions can be dated from the last years of the 11<sup>th</sup> century, when Baixo Alentejo was ruled by the Abbadids of Seville.

Many of the researchers who study the medieval Islamic presence in the West consider Castro da Cola (Ourique, Beja) an archaeological site with many questions to be solved.

Keywords: Islamic Archaeology – Arabic Epigraphy – Gravestones – Ourique – Taifas

## 1. OS ACHADOS

O Monte de São Luís localiza-se a sudoeste do cerro com o mesmo nome e é um dos relevos que rodeia a vila de Ourique, situando-se a cerca de 2 km para sul desta povoação. Tanto quanto sabemos, dali não provém qualquer outro testemunho da presença medieval islâmica ou de outras idades. Todavia, Ourique já foi identificada com *hiṣn al-Wikā'*, «o Castelo dos Combates», e parece que ali foram encontrados restos de duas lápides islâmicas (Labarta e Barceló, 1987, p. 414; Borges, 1998, p. 242; Macias, 2006, p. 170).

Situado a 12 km para sudoeste de Ourique, o denominado Castro da Cola corresponde a sítio com longa ocupação humana, desde a Proto-História, onde se conservam restos de fortificação islâmica referida desde, pelo menos, o século XVIII (Cenáculo, 1791, p. 384; Gomes, 2002, p. 135, 136; Macias, 2006, p. 174-178).

Os documentos medievais, islâmicos e cristãos, identificam aquele arqueossítio com o topónimo Marachique (Ibn Baṣkuwāl, séc. XII, *Maraḡīq*). Durante os trabalhos arqueológicos ali dirigidos por Abel Viana (1958 e 1959) apareceram «seis fragmentos de pedras com inscrições árabes, pertencentes a quatro lápides» (Viana, 1959, p. 19), hoje em paradeiro desconhecido. Este autor divulgou duas fotografias, únicos documentos que se conhecem, onde se pode verificar que aqueles testemunhos possuíam caracteres cúficos (Labarta e Barceló, 1987, n.º 33, 34, p. 414, 415).

## 2. ESTELA DO MONTE DE SÃO LUÍS

Há algumas décadas a ilustre advogada, Dr.<sup>a</sup> Margarida Charraz Godinho, moradora em Ourique e a quem cumpre agradecermos a autorização para estudarmos este testemunho arqueológico, encontrou casualmente, utilizado como



Fig. 6 – Epígrafe do Castro da Cola (ano 486 H/1093 A. D.). Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa. Fotografias de J. Pessoa e A. Labarta.



Fig. 7 – Fragmento de lápide do Castro da Cola (Ourique, Beja). Fotografia de A. Viana, 1959, est. XIII-139.



Fig. 8 – Alfabeto do Castro da Cola (ano 486 H/1093 A. D.). Desenho de C. Barceló.

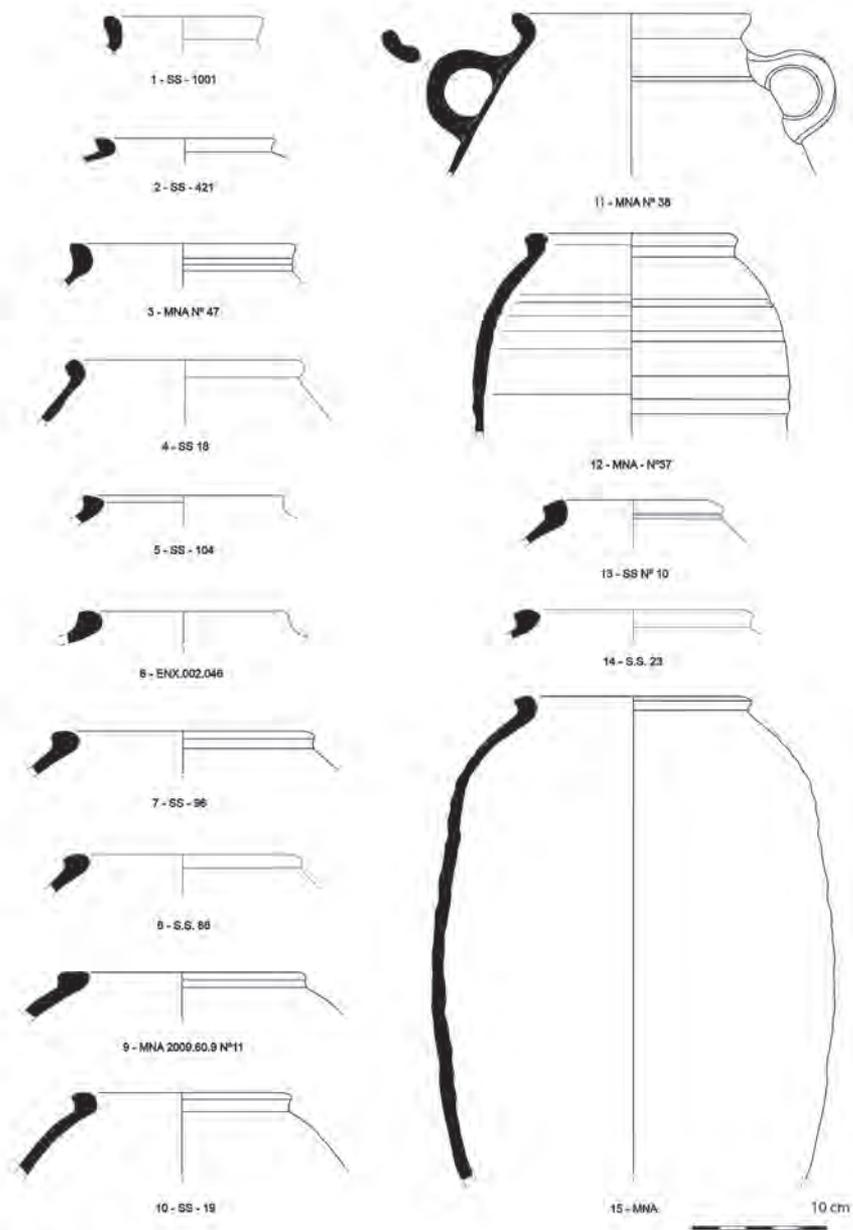


Fig. 5 – Ânforas da Serra do Socorro, das coleções do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra (ENX) e do Museu Municipal Leonel Trindade (SS).

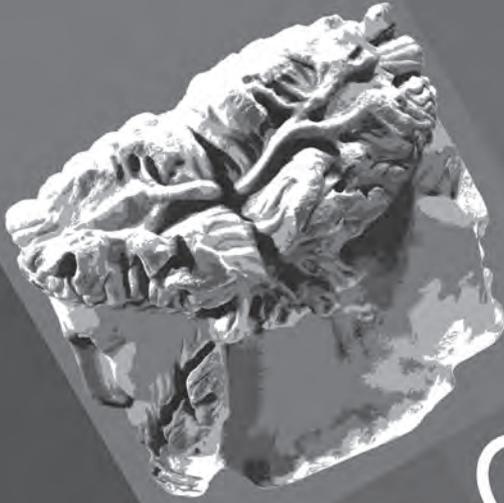
No que diz respeito às produções da área do Tejo, destaca-se a presença de, pelo menos, três fragmentos (fig. 5, n.º 1, 3 e 4) que são seguramente integráveis no tipo 1 do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014). Esta morfologia corresponde a uma reprodução tagana inspirada nos protótipos anfóricos meridionais dos tipos



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

125 ANOS

1893-2018



FEIRA DE RÉPLICAS  
E MATERIAL DIDÁTICO  
DE ARQUEOLOGIA

# 303

ENCONTRO NACIONAL  
DE MUSEUS COM COLEÇÕES  
DE ARQUEOLOGIA

19  
Outubro  
2018

Museu Nacional de Arqueologia  
Praça do Império - Mosteiro dos Jerónimos

Apoios:



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA



EULAC  
MUSEUMS



Conselho Nacional de Arqueologia

Informações e inscrições:

Telefone: 213 620 000

Email: [geral@mnarqueologia.dgpc.pt](mailto:geral@mnarqueologia.dgpc.pt)

[www.museuarqueologia.gov.pt](http://www.museuarqueologia.gov.pt)

## PROGRAMA

---

<b>MANHÃ</b>	
9.00 h	Receção aos participantes
9.30 h	Sessão de boas-vindas – António Carvalho, Diretor
<b>1.ª sessão – Conceitos programáticos</b>	
9.45 h	Museus e Centros de Interpretação de Arqueologia: uma panorâmica Filomena Barata, Luís Raposo
10.00 h	A Casa de Bragança e a Arqueologia. Personagens e coleções Maria de Jesus Monge
<b>2.ª sessão – Gestão e conservação de acervos e reservas</b>	
10.15 h	O Museu Arqueológico do Carmo e a Coleção de Arqueologia de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): Inventário, gestão conservação e conhecimento César Neves, Célia Nunes Pereira, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins
<b>3.ª sessão – Programas expositivos em museus e sítios musealizados</b>	
10.30 h	Os Museus de Arqueologia e a Arqueologia nos Museus: Análise de exposições museais no norte de Portugal Leilane Lima, Alice Semedo
10.45 h	Museu da Guarda: Novas abordagens museológicas João Manuel Mendes Rosa, Vítor Pereira, Ana Luísa Augusto, Tiago Ramos
11.00 h	Café
11.15 h	Núcleo Museológico do Centro Português de Geo-história e Pré-história (NMCPGP) Silvério Figueiredo, Mário Antas
11.30 h	Debate e <i>Posters</i>
<b>4.ª sessão – Museus, comunidades, experiências e públicos</b>	
12.00 h	Núcleo Regional do Megalitismo de Mora. 766 dias de interatividade Leonor Rocha, Luís Simão de Matos, Daniela Anselmo
12.15 h	Museu de Lisboa – Teatro Romano e o projeto de investigação «Saudades da Rua da Saudade» Lídia Fernandes, Carolina Grilo, Daniela Araújo, Maria Miguel Lucas, Rui Coelho, Ana Cosme
12.30 h	Museu Municipal de Arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo (Macedo de Cavaleiros): O papel de um museu no quadro da valorização patrimonial em território de interior Elsa Luís, Carlos Mendes, João Carlos Senna-Martinez
12.45 h	Da Leitura do Território ao Envolvimento Comunitário. Experiências e expectativas do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa Miguel Serra
13.00 h	Debate e <i>Posters</i>
13.30 h	Almoço livre
14.30 h	

---

---

**TARDE**

---

14.30 h Inauguração da Exposição Itinerante: «Arqueologia em Portugal – Recuperar o Passado em 2017» (DGPC/DRC).

---

14.45 h Museus Comunitários: O Projeto EU-LAC  
Luís Raposo, Mário Antas

---

15.00 h Depósito Metálico de Agro Velho, Montalegre. A insólita biografia de um artefacto cruzada com o incêndio dos museus da Faculdade de Ciências, em 1978  
Joaquina Soares, Pedro Valério, António Monge Soares, Maria de Fátima Araújo

---

**5.ª sessão – As novas tecnologias**

---

15.15 h Luís de Castro do Rio. Um rosto com história  
Ana Raquel Silva, Filipe Franco, Luís Filipe Lopes, Nathalie Antunes-Ferreira

---

15.30 h Debate e *Posters*

---

**15.45 h PAINEL – Réplicas e material didático em museus**

---

- . Lucente Joias, Braga – Lúcia Cruz Pinto, José Cruz Pinto, Raquel Leste  
Câmara Municipal de Loulé / Museu Municipal de Loulé – Ana Rita Vaza, Paula Guerreiro, Antonieta Canteiro
  - . Câmara Municipal de Viana do Castelo / Casa dos Nichos – N. M. de Arqueologia – Hugo Gomes Lopes
  - . Centro Português de Geo-história e Pré-história – Alexandre Carranço, Silvério Figueiredo / Ângulo Criativo – Réplicas em 3D – Ricardo Oliveira
  - . Museu de Arte Pré-histórica de Mação – Pedro Cura
  - . Laboratório de Arqueociências / DGPC / Universidade Lusófona – ECATI – Ana Elisabete Godinho Pires, Cleia Detry, Inês Maria Carrilho, Maria Luís Vieira – Apresentação do filme *O Cão de Muge. Um amigo pré-histórico*
  - . Museu de Lisboa – Teatro Romano – Maria Teles, Maria João Marcelino e documentário produzido pelo Museu de Lisboa – Teatro Romano e pela Arqueohoje, *Um Teatro Romano no século XXI*
- 

17.00 h Debate e Encerramento

---

17.30 h Café

---

18.00 h Visita guiada à exposição de Loulé

---

No salão nobre estarão patentes as seguintes exposições documentais:

- «125 Anos do Museu Nacional de Arqueologia» (2018)
- «Arquivos Históricos da Arqueologia Portuguesa» (2016)

## 1. DA INTENÇÃO AO PROJETO

Reconhecendo a importância do passado histórico do concelho de Mora, a Câmara Municipal encontrou a motivação necessária no valiosíssimo legado arqueológico de que o mesmo é dotado para avançar com a construção do Museu Interativo do Megalitismo.

A primeira pedra foi lançada a 11 de junho de 2014, precisamente no ano em que se assinalaram os 100 anos do início dos trabalhos arqueológicos no concelho de Mora. Volvidos pouco mais de dois anos, o largo da estação ganhou uma nova vida. O Museu Interativo do Megalitismo abriu portas ao público a 15 de setembro de 2016.

A antiga estação dos comboios ou do caminho de ferro, como é tão bem conhecida, é um espaço que, pelas suas características e pelas funcionalidades de outrora, estará para sempre intimamente ligado à história do concelho e da população. No entanto, era há muito um local devoluto entregue ao abandono. Tendo em conta a sua localização privilegiada e o simbolismo que o mesmo transmite, era importante recuperá-lo, valorizá-lo e devolvê-lo às suas gentes como ponto de interesse vivo, útil e ao alcance de todos.

A instalação do museu implicou a remodelação da antiga estação (fig. 1, n.º 1 e 2), cuja estrutura já existente dá agora lugar a uma zona de lazer, composta por jogos interativos, uma sala de internet e biblioteca, e a criação de dois novos espaços, um para o museu e o outro dedicado à área de cafetaria. Na zona expositiva, o museu propriamente dito, está representada a modelação em 3D da área envolvente das escavações, que integra quatro fases que simbolizam o quotidiano das populações neolíticas: a apresentação, a vida, a morte e a contemplação. O espólio que representa os períodos mais antigos do Neolítico, altura em que as primeiras comunidades de agricultores aqui se instalaram, e que até então se encontrava no

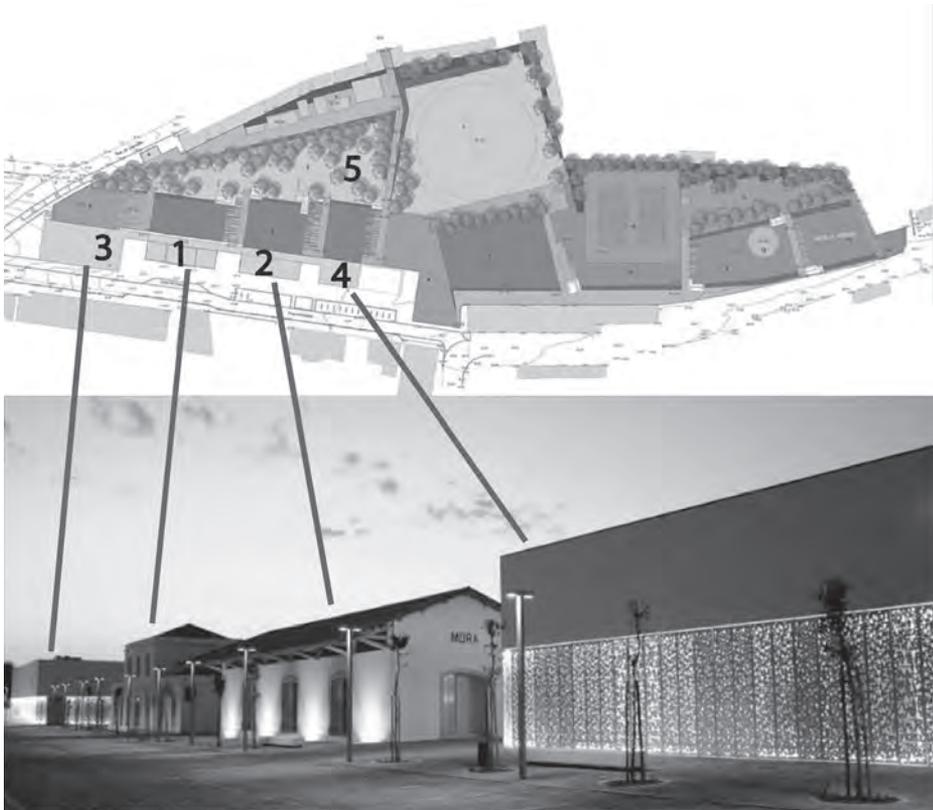


Fig. 1 – Vista geral da estrutura do Núcleo Regional do Megalitismo de Mora. 1: Edifício da antiga estação ferroviária; 2: Edifício do antigo armazém – espaço criança; 3: Espaço do museu (novo); 4: Cafetaria (novo); 5: Espaço jardim: reabilitação da área das linhas (sgd. Rocha, 2018).

Museu Nacional de Arqueologia, está agora exposto e disponível para apreciação do público em geral. Os diversos elementos que compõem o museu estão interligados entre si por um corredor, que é acompanhado na sua estrutura por placas metálicas com pequenas aberturas que simbolicamente representam o geometrismo presente nas placas de xisto que acompanhavam os mortos.

A construção do Museu Interativo do Megalitismo de Mora envolveu um investimento de cerca de 2,5 milhões de euros, tendo sido comparticipado em 85% pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) e o restante ficou a cargo da Câmara Municipal de Mora. A autoria do projeto é da responsabilidade da CVDB Arquitetos Associados.

O concelho de Mora ficou mais atrativo e com mais um ponto de interesse. Um novo equipamento turístico que contribui diretamente para o desenvolvimento e para a valorização turística, cultural e socioeconómica do concelho, complementando assim a oferta já existente, nomeadamente o Fluviário de Mora, a gastronomia de excelência e todos os monumentos histórica e caracteristicamente relevantes.

# Normas de redação

A revista utiliza o sistema de «double blind peer review».

Os originais aceites para publicação devem seguir as normas abaixo referidas.

## 1. Apresentação do texto

O original não deve exceder as 40 p., com as imagens incluídas, e deverá ter em consideração o seguinte:

1.1. Texto em ficheiro Word sem formatação. Os originais em língua portuguesa deverão respeitar o Acordo Ortográfico, resolução n.º 26/91 de 23 de agosto.

1.1.1. Título do artigo em português e inglês.

1.1.2. Texto com caracteres em alfabeto árabe deverão ser enviados com a extensão rtf, para não desformatar o texto original.

1.2. Texto batido a dois espaços.

1.3. Parágrafos recolhidos.

1.4. Resumos, bibliografia e legendas das ilustrações, apresentados juntamente com o texto.

1.5. Resumo em português e em língua inglesa. Incluir também até cinco palavras-chave, em português e inglês, que caracterizem o conteúdo do artigo.

1.6. A revista utiliza o sistema de notas infrapaginais e bibliografia no final do artigo.

1.6.1. As primeiras notas serão as notas com a afiliação dos autores e assinaladas por\*.

1.6.2. As notas incluirão apontamentos breves e questões relacionadas com o texto original, sendo numeradas sequencialmente com números em expoente.

1.6.2. A bibliografia no final do artigo é impressa em duas colunas e constitui a lista, organizada por ordem alfabética, de todos os autores citados. Os autores espanhóis devem ser alfabetados pelo penúltimo apelido; os portugueses, pelo último (não contam as preposições).

1.7. Cada original deverá apresentar a seguinte uniformização de critérios no que respeita a:

1.7.1. Título do artigo. Exemplo:

**Porque é que a arte do Côa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para**

# a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Côa

## Why is the Côa River Valley rock art mainly located on the left bank? Geological and environmental constraints for the rock art panels' formation and preservation

1.7.2. Subtítulo (1). Exemplo:

### 2. BIOGRAFIA DAS ROCHAS DO CÔA

Subtítulo (1.1). Exemplo:

#### 2.1. Formação

Subtítulo (1.1.1). Exemplo:

##### 2.1.1. Exposição

1.8. Convém assinalar no texto o local ideal para entrar cada ilustração, de modo a respeitar-se, tanto quanto possível, a ideia do autor (tendo em conta o critério de que a ilustração deve aparecer depois do texto a que se refere).

1.9. Por regra, a Direção da revista não aceita a inclusão de dois artigos dos mesmos autores no mesmo volume, exceto em caso de divulgação de uma descoberta relevante ou, de ainda, existirem páginas disponíveis.

## 2. Referências bibliográficas

São redigidas de acordo com a Norma Portuguesa de 1994 (NP 405-1). No caso de correspondência e documentos eletrónicos deve seguir-se, respetivamente, a Norma Portuguesa de 2000 (NP 405-3) e a Norma Portuguesa de 2002 (NP 405-4).

### 2.1. Abreviaturas

2.1.1. Solicita-se a utilização exclusiva de abreviaturas nos nomes próprios dos autores.

2.1.2. Quando a bibliografia inclui dois ou mais autores com o mesmo apelido, os respetivos nomes serão indicados por extenso.

2.1.3. Os títulos das publicações periódicas não deverão ser abreviados.

### 2.2. Autoria

2.2.1. Na bibliografia final, devido a requisitos da investigação atual, permite-se a indicação dos nomes de todos os autores, independentemente do seu número.

2.2.2. Os editores literários e compiladores podem ser tratados como autores, desde que apareçam destacados na página de título. Neste caso, devem acrescentar-se ao nome as abreviaturas ed. lit. ou compil.

### 2.3. Dados da publicação

2.3.1. No caso de o local de edição e/ou editor não virem referenciados na publicação, utilizam-se as seguintes expressões:

Ex: [S.l.: s.n.], 2000

Paris: [s.n.], 2010

[S.l.]: Hachette, 2015

2.3.2. Se o ano da publicação não vier mencionado, indica-se a data de impressão, *copyright* ou depósito legal:

Ex: imp. 2010          cop. 2012          D. L. 1980

### 2.4. Série ou coleção

A série ou coleção em que a obra está incluída é apresentada como aparece no documento, no fim da referência:

Ex: (BAR; 2822).

### 2.5. Exemplos:

#### *Monografias:*

ALARCÃO, J. de (1988) – *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Europa-América. 139 p.

*LISBOA Subterrânea* (1994). Lisboa: Soc. Lisboa 94, Museu Nacional de Arqueologia; Milão: Electa. 278 p. Catálogo.

#### *Contribuições em monografias:*

HEINZ, C.; THIÉBAULT, S.; VERNET, J.-L. (1993) – Gestion et dégradation de la forêt préhistorique méditerranéenne. In *Le Néolithique au Quotidien*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme. p. 12-18. (Documents d'Archéologie Française; 39).

DAVEAU, S. (1994) – A foz do Tejo, palco da história de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Soc. Lisboa 94, MNA; Milão: Electa. p. 24-30. Catálogo.

GONÇALVES, V. S. (2008) – Na primeira metade do 3.º milénio a.n.e., dois subsistemas magico-religiosos no Centro e Sul de Portugal. In HERNANDEZ PÉREZ, M. S.; SOLER DÍAZ, J. A.; LÓPEZ PADILLA, J. A., ed. lit. – *Congreso del Neolítico Peninsular*, 4, Alicante, 2006. Alicante: Museo de Alicante. vol. 2, p. 112-120.

#### *Artigos de publicações em série:*

ALVES, F. J. S.; DIAS, J. M. A.; ALMEIDA, M. J. R. de; FERREIRA, O.; TABORDA, R. (1988-1989) – A armadilha de pesca da Época Romana descoberta na Praia de Silvalde (Espinho). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 6/7, p. 187-226.

CARDOSO, J. L. (1995) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:1, p. 115-129. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular.

ISSN 0870-094X



50009

9 1770870 094034



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L